

Contos de Fadas e Fábulas e sua relação com o Imaginário Infantil: um olhar de professores da Educação Infantil

Maria de Lourdes Oliveira¹
Sunia Regina Terra de Moura²
Ester Calland de Sousa Rosa³

RESUMO

Este artigo analisa a maneira como professoras da Educação Infantil compreendem a relação entre o trabalho pedagógico com os Contos de Fadas e Fábulas e o desenvolvimento do Imaginário Infantil. Configura-se em um estudo qualitativo, onde foram entrevistadas seis professoras de Escolas Municipais da Região Metropolitana do Recife. Tem como objetivos específicos, identificar a partir de depoimentos dos docentes de que maneira é inserida a leitura de Contos de Fadas e de Fábulas no cotidiano escolar, suas justificativas sobre a escolha dos textos lidos em sala de aula e a compreensão sobre os efeitos dessa vertente literária no desenvolvimento do Imaginário Infantil. Consideramos como desdobramento desta pesquisa um mapeamento sobre as escolhas das professoras dos textos infantis e seus relatos das leituras em sala de aula com relação ao desenvolvimento do Imaginário.

Palavras-chave: Imaginário, Contos de Fadas, Fábulas, Professores da Educação Infantil.

Introdução

Ao escolher fazer essa pesquisa qualitativa sobre a Literatura Infantil e o desenvolvimento do Imaginário, foi considerada a escola como instância de socialização infantil desde a etapa da Educação Infantil. Tal temática emergiu, após as nossas experiências de estágios nas Práticas Pedagógicas do Curso de Pedagogia, ao observarmos que as crianças que participavam de rodas de contação de histórias e manifestavam diferentes reações emocionais que apontavam para reflexões desencadeadas no processo de leitura compartilhada.

¹. Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação –UFPE. lourdesufpe@hotmail.com

². Concluinte de pedagogia – Centro de Educação – UFPE. koakane@hotmail.com

³. Professora adjunto do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais - Centro de Educação – UFPE.esterosa2014@gmail.com

Além disso, através de observações informais durante a vivência do curso de Pedagogia, sentimos necessidade de buscar pesquisas que permitissem conhecer as concepções de professores e sua condução no trabalho com os Contos de Fadas e Fábulas, para turmas dos anos finais da Educação Infantil.

Em levantamento bibliográfico, buscamos referências que tratassem da relação do Imaginário e a Leitura de Contos de Fadas e Fábulas. Desse modo, chegamos a estudos situados na confluência das áreas da Psicologia, Psicanálise e a sua interlocução com a Educação.

Nesse processo, sentimos a necessidade de situar conceitualmente as distinções entre termos aparentemente equivalentes, comparando o que se designa por: Imaginário, Imaginação e Fantasia.

O “**Imaginário** significa o conjunto de imagens guardadas no *inconsciente coletivo* de uma sociedade ou de um *grupo social*; é o depósito de imagens de memória e imaginação”. [Grifo nosso] (SILVA e SILVA, 2009, p. 213-14).

A **Imaginação** distingue-se por ser a faculdade que *um indivíduo* tem para representar imagens de coisas reais ou ideais. “A imaginação pode ser entendida como o elo entre o consciente e o subconsciente” (CLARK, 2000 *apud* SANDE, 2011, p.1).

Por sua vez, as **Fantasias**, segundo Oliveira (2007),

(...) são inatas no sujeito, uma vez que são as representantes dos instintos, tanto os libidinais quanto os agressivos, os quais agem na vida desde o nascimento. Elas apresentam componentes somáticos e psíquicos, dando origem a processos pré-conscientes e conscientes, e acabam por determinar, desta forma, a personalidade. Pode-se concluir que as fantasias são a forma de funcionamento mental primária, de extrema importância neste período inicial da vida (p. 83).

Partindo destes conceitos, identificamos que as diferentes produções da arte - como a literatura, teatro, pintura, escultura, jogos ou filmes – têm como matéria de sua elaboração a fantasia, a imaginação e o imaginário. Numa perspectiva psicanalítica,

Freud defende que a criatividade está relacionada com imaginação, que estaria presente nas brincadeiras e nos jogos da infância. A criança produz um mundo imaginário, com o qual interage rearranjando os componentes desse mundo de novas maneiras. Da mesma forma, o indivíduo criativo na vida adulta comporta-se de maneira semelhante, fantasiando sobre um mundo imaginário, que, porém, discrimina da realidade (Clark, 2000 *apud* Sande, 2011, p.1).

Mas, por que estudar os Contos de Fadas e as Fábulas? Alguns estudiosos como o psicanalista Bruno Bettelheim (2002) defendem que essas narrativas falam do imaginário individual e coletivo atuantes na psique humana, pois estabelecem uma comunicação que serve como atenuante nas ansiedades, angústias e dilemas. Assim, os contos e fábulas tem sua atuação sobre o leitor infantil ao tomar:

(...) estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; mas indica realmente a única coisa que pode extrair o ferrão dos limites reduzidos do nosso tempo nesta terra: construir uma ligação verdadeiramente satisfatória com outra pessoa. Os contos ensinam que quando uma pessoa assim o fez, alcançou o máximo, em segurança emocional de existência e permanência de relação disponível para o homem; e só isto pode dissipar o medo da morte (BETTELHEIM, 2002, p.11).

Além de estudos na área da psicanálise, educadores também argumentaram que o Imaginário precisa ser considerado no ato de ensino. Nessa linha de proposições, Rodari (1982), que é um estudioso da Educação, analisa que a Pedagogia e a Psicologia preocupam-se muito mais com a atenção e a memória, do que com a imaginação e a fantasia e por isso tem tratado de forma limitada gêneros literários como os Contos de Fadas. Em contraste, o estudioso argumenta que: “Para conhecer-se é preciso imaginar-se. Não se trata, portanto, de encorajar na criança uma fantasia vazia, mas dar-lhe uma mão para que possa imaginar o próprio destino” (p.99).

Tomamos tais argumentos levantados por esses pensadores e daí surgiram alguns questionamentos que nortearam a presente pesquisa: O professor considera que os Contos de Fadas e Fábulas contribuem na formação da criança, considerando a dimensão do Imaginário Infantil? Esta compreensão de professores acerca da relação entre histórias e Imaginário Infantil influencia na escolha dos textos e na condução de rodas de leitura na Educação Infantil?

Para responder a essas perguntas, pautadas por autores que tematizam a relação Educação e Desenvolvimento do Imaginário das crianças, buscamos na Psicanálise (BETTELHEIM, 2002); na Pedagogia literária (RODARI, 1982); nos estudos da área da Literatura Infantil e do Imaginário (FARIAS e RUBIO, 2012); na área da literatura focando o gênero Contos de Fadas e Fábulas (COELHO, 2000) fontes que embasassem esse debate.

Para conduzir o processo de pesquisa, definimos como objetivo geral analisar a maneira como professoras da Educação Infantil compreendem a relação entre o

trabalho pedagógico com os Contos de Fadas e Fábulas e o desenvolvimento do Imaginário Infantil. Tal norteamento provocou desdobramentos em objetivos específicos: 1-De que maneira os professores inserem a Leitura de Contos de Fadas e de Fábulas em seu cotidiano; 2- Fazer o mapeamento das justificativas que as professoras apresentam para a escolha dos textos, que serão lidos em sala de aula; 3- Identificar as vertentes dessa compreensão nas professoras sobre os efeitos dessa leitura literária no desenvolvimento do Imaginário Infantil.

Considerando a importância dos anos iniciais na formação humana, esta pesquisa teve como campo turmas dos anos finais da Educação Infantil (grupo 5). Como procedimento, conduzimos entrevistas com professoras da Rede Pública Municipal sobre o tema proposto.

Neste artigo, ao tratarmos do referencial teórico o mesmo foi dividido em quatro eixos de análise. Primeiro, *A Literatura Infantil: perspectiva histórica dos Contos de Fadas e Fábulas*, onde contamos a provável origem dos Contos de Fadas e Fábulas, as influências que a literatura sofreu ao longo dos tempos até a sua atualidade. O segundo eixo é *Imaginário, o que é isto?* Tratamos de expor conceitos de autores, como Jung e Babo sobre o tema. No terceiro eixo consideramos *O Imaginário e os Contos de Fadas e Fábulas*, partindo de ideias de autores como Bettelheim e Rodari, os quais evidenciam tal influência existente no Imaginário coletivo desses gêneros perante a constituição de identidade do indivíduo. Já o quarto eixo, apresenta aspectos sobre a *Mediação do professor e a leitura dos Contos de Fadas e Fábulas*, ambiente de análise, de como e por que dessa mediação.

Após a apresentação do referencial teórico, o texto trata do percurso metodológico para em seguida discutir os resultados do trabalho empírico e tecer considerações conclusivas do estudo.

Era uma vez... Como tudo começou. A Literatura Infantil: perspectiva histórica dos Contos de Fadas e Fábulas

Nesta seção, abordamos a história da literatura infantil, sua provável origem, o seu desenvolvimento ao longo dos séculos, sua chegada ao Brasil e sua evolução até a atualidade.

Segundo Coelho (2000), os Contos de Fadas têm origem na cultura *céltico-bretã* e sua principal característica é a presença do elemento Fada - uma pessoa

totalmente boa e como atributos mágicos – e, em contraste, a figura da Bruxa, caracterizada por atributos maus. Este gênero difere da Fábula porque esta tem como principal característica histórias cujos personagens são animais, objetos, plantas. Segundo a mesma autora, originalmente os Contos de Fadas e Fábulas são estórias de transmissão oral e autoria coletiva, que passaram por gerações, sofrendo inúmeras inserções e pontos moralizantes, cujo principal teor era alertar crianças, adolescentes e jovens sobre as violências da sociedade, tais como abandono, estupros, fome, morte etc. Assim, nas formas a que temos acesso atualmente, identificamos que essas histórias trazem algum tipo de reflexão educativa na transmissão de valores e ensinamentos.

A primeira coletânea de Contos Infantis foi publicada do século XVII, na França, por Charles Perrault sob as ordens do Rei Luiz XIV. Tais histórias foram compiladas e inicialmente eram voltadas ao público adulto. Em paralelo, nesse mesmo período surgia a filosofia humanista e o conceito de infância se espalhou pela Europa, em vista disto a sua segunda edição sofreu inúmeros cortes e adições para que as crianças pudessem escutar e aprender através delas. De modo que, “a criança passa a não ser mais vista como um adulto diminuto, mas como um ser diferente do adulto, com necessidades diferentes e, portanto, necessitando de uma literatura específica”. (BARBOSA, 2011, p. 11). Inicialmente os textos eram voltados para adultos, os quais foram “adaptados” para as crianças através de cortes e introdução para a moral maniqueísta (certo e errado, belo e feio, etc.).

Nos estudos de Coelho (2000) consta de registros de autores do século XIX, que passaram a escrever a literatura infantil como Grimm (Branca de Neve, Cinderela), Jean de La Fontaine (A lebre e a tartaruga, O leão e o rato), Hans Christian Andersen (A pequena sereia, O patinho feio), a Condessa de Ségur (Os desastres de Sofia, O gênio do mal), Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas), entre outros.

Segundo Perez (2016), oito estórias foram, inicialmente, contempladas por Perrault: A Bela adormecida no bosque; Chapeuzinho Vermelho; O barba Azul; O gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou a Gata Borracheira; Henrique do Topete e o Pequeno Polegar. Sendo assim, segundo a mesma autora, “a Literatura Infantil como gênero literário nasceu com Charles Perrault, mas só seria amplamente difundida posteriormente, no século XVII, a partir das pesquisas linguísticas realizadas na Alemanha pelos irmãos Grimm (Jacob e Wolhelm)” (p.1).

Durante o Século XVII e até o século XIX, a literatura infantil desenvolveu novos gêneros como os contos de terror, entre outros. Em paralelo a estes novos gêneros literários, a revolução industrial ganha força em conjunto com a criação da escola e sua difusão na sociedade da época. (MANACORDA, 1992, p. 249).

No contexto brasileiro, segundo Becker (2001, p.35-44), introduzida a partir 1870, a Literatura Infantil passou por *quatro fases*, iniciando no Brasil com a chegada de livros exportados da Europa, onde os autores deste período estiveram em contato com esta nova mentalidade humanística, o conceito de infância, ou seja, onde a criança passa a ser compreendida como um ser diferente do adulto, o que possibilita o desenvolvimento da Literatura Infantil como um gênero próprio para esta fase da vida nas terras brasileiras.

Continuando com Becker (2001), considera-se como **a primeira fase literária infantil** no país o período que vai do final do século XIX ao início do século XX, que se marcou pela forte presença cívica e patriótica na literatura. No início do século XX é observado o nascimento da literatura para moças e para rapazes, meninos e meninas, inclusive com sua inserção nos programas escolares.

A **segunda fase** como Becker (2001) comenta, abrange o período de 1920 a 1945. Entre os anos 1920 e 1930, com a elaboração da 1ª Declaração dos Direitos da Criança, a “Declaração de Genebra”, a criança é vista como o futuro da humanidade. Surge, então, na literatura brasileira, Monteiro Lobato, com o qual há o rompimento com a tradicional postura pedagógica, conservadora, tão presente nos textos da época que eram dirigidos à infância. Entre 1940 e 1945, novas políticas de alfabetização, mais inclusivas e abrangentes, acabam influenciando na produção literária, que potencialmente passa a ter um maior público.

Entre as décadas de 1950 a 1960, Becker (2001) afirma o surgimento da **terceira fase da evolução da literatura infantil no Brasil**, marcada pela produtividade literária, representada principalmente pela profissionalização dos autores, pela especialização das editoras e dos escritores e pela expansão do mercado constituído pelo público leitor.

A **quarta fase** compreende, segundo Becker (2001) o período que vai de 1970 a 1980, momento em que a literatura infantil brasileira adquiriu “características classista, ou seja, o narrador converteu-se em professor e o leitor assumiu a posição de aluno”, porém essa postura já vinha sendo observada nas décadas anteriores onde o domínio militar prevaleceu, sendo fortemente combatida nos anos seguintes.

E segundo a autora a partir de 1975 a literatura infantil passa a ser formalmente discutida nos meios universitários. Nesse período, novos estudos no campo do desenvolvimento infantil, com destaque para Jean Piaget (1896 – 1980) também repercutiram na produção literária para crianças, entendidas em suas diferentes fases e a partir de uma concepção construtivista de aprendizagem.

Com esta periodização, percebemos o quanto a literatura no Brasil evoluiu e adquiriu, ao longo de sua história, diferentes facetas, mantendo, no entanto, um perfil educativo e, por vezes, moralizante. Como podemos apreender houve estudos que refletiram o debate do período e fundamentaram as relações entre literatura e educação, tanto na área da Psicologia, Pedagogia, Letras, História, entre outros.

No contexto atual, reconhece-se, portanto, a complexidade da produção e recepção da literatura infantil, em especial no contexto escolar. Segundo Dinorah (2001, p. 25):

Definir a literatura criada para crianças é algo bastante complexo, implicando uma quase filosofia sobre o tema, já que a posição crítica diante de sua essência continua desarmônica e conflitante, pois existem muitos livros escritos para adultos que as crianças gostam e se identificam, como: Robson Crusóe e Viagens de Gulliver.

E existe muitos livros para o público infanto-juvenil que os adultos se identificam como Harry Potter, o Sr. dos Anéis, Star Wars, Saga do Crepúsculo, Warcraft etc. Provando essa essência desarmônica e conflitante referida por Dinorah (2001).

Em síntese, a Literatura Infantil teve diferentes reconhecimentos na história do homem e na educação. Observamos ao longo da história da Literatura Infantil, e particularmente na realidade brasileira, que muita importância se atribuiu à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que, ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre os diversos assuntos escolares, o universo literário, seu mundo interior e exterior, para que se forme uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o mundo real. É neste campo das relações entre Educação e Imaginário que situamos o debate na seção a seguir.

Imaginário: o que é isto?

De acordo com a Psicologia Profunda, desenvolvida pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, a mente da criança já possui uma constituição que guia todo o desenvolvimento psíquico subsequente ajustando-o quando necessário, ao buscar

elementos do seu convívio sócio cultural. Para fundamentar essa concepção, ele defende que

O inconsciente coletivo é constituído, numa proporção mínima, por conteúdos formados de maneira pessoal; não são aquisições individuais, são essencialmente os mesmos em qualquer lugar e não variam de homem para homem. Este inconsciente é como o ar, que é o mesmo em todo lugar, é respirado por todo o mundo e não pertence a ninguém. Seus conteúdos (chamados arquétipos) são condições ou modelos prévios da formação psíquica em geral. (JUNG, 1973, p.408. *apud* FADIMAN e FRAGER, 1986, pag.50).

O inconsciente coletivo, dialoga com o consciente e o inconsciente pessoal e muitas vezes pode se manifestar na forma de sonhos. De acordo com Jung (2012), esses sonhos são produtos do inconsciente coletivo, que nesse caso atua como um depósito de imagens e símbolos, que o autor denomina arquétipos. Do inconsciente coletivo também se originam os mitos, as lendas etc. Os mitos, assim como os contos de fadas, “dialogam” com o inconsciente e com isto interagem com o imaginário do indivíduo. Segundo Babo (2014, p.1-2),

(...) os contos são, na realidade, um dos mais admiráveis meios de comunicação que possuímos com o nosso inconsciente. (...) Jung denomina esse lugar, onde nascem e vivem as histórias, como inconsciente coletivo, sendo esse uma camada mais profunda do inconsciente, habitada por conteúdos idênticos, os arquétipos, e compartilhada por toda a espécie humana. O inconsciente coletivo surge como o espaço responsável por originar as nossas mais diversas formas de mitologia. É ele o primeiro reino encantado da Fantasia.

Conforme evidenciamos, muita importância se dá aos Contos de Fadas e Fábulas na Psicologia Infantil, Literatura entre outras ciências. Para tanto, discutiremos como os Contos de Fadas e Fadas influenciam o Imaginário Infantil a seguir.

Imaginário e os Contos de Fadas e Fábulas

Constatamos que os Contos de Fadas e as Fábulas têm chamado a atenção de diferentes pensadores, em especial aqueles interessados no desenvolvimento infantil. Estudos na área da psicologia, como o de Bettelheim (2012), afirmam que as leituras destes textos favorecem o desenvolvimento psíquico da criança. Ao ouvi-los, segundo este autor, elas absorvem destas narrativas lições que contribuirão para o seu desenvolvimento, pois transmitem experiências subjetivas complexas, tendo como cerne a aprendizagem da criança até aquele período da vida. Desse modo, a

Fábula e os Contos de Fadas ajudam na formação intelectual do indivíduo, já que os contos “(...) transmitem importantes mensagens a mente consciente, à pré-consciente e ao inconsciente em qualquer nível que esteja funcionando no momento” (BETTELHEIM, 2012, p. 6). Assim, continuando nessa linha de proposições, entende-se que

O conto de fadas, (...) toma estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor. Mas, indica realmente a única coisa que pode extrair o ferrão dos limites reduzidos do nosso tempo nesta terra: construir uma ligação verdadeiramente satisfatória com outra pessoa. Os contos ensinam que quando uma pessoa assim o fez, alcançou o máximo, em segurança emocional de existência e permanência de relação disponível para o homem, e só isto pode dissipar o medo da morte (BETTELHEIM, 2002, pág. 10-11).

Os Contos de Fadas como pudemos ver trabalham no inconsciente proporcionando um amparo emocional. Segundo Coelho (2000), estas histórias possuem elementos próprios invariantes e que essas características influenciam nos impactos que provocam no leitor.

Contemplemos resumidamente algumas dessas características citadas pela autora:

- 1- Esse gênero literário apresenta o componente “Fada”, que é uma pessoa totalmente boa que ajuda o herói ou a heroína a ultrapassar as dificuldades durante o percurso da estória, ou totalmente má, no caso a “Bruxa”, cujo papel é trazer transtorno para o herói;
- 2- Conflitos interpessoais (madrasta, enteados, etc.); conflitos de ordem social (miséria, fome, etc.);
- 3- Carência Afetiva, econômica (abandono, etc.). Essas narrativas têm como estrutura básica: um início onde ocorre uma ruptura quando o herói separa-se de sua vida concreta, saindo da proteção e mergulha no completo desconhecido. Um confronto e superação de obstáculos e perigos, onde busca soluções no plano da fantasia com a introdução de elementos imaginários e a restauração que é o início do processo de descobrir o novo, possibilidades, potencialidades e polaridades opostas o que leva ao desfecho e a volta à realidade.

Segundo Aguiar (1988), a Literatura Infantil moderna é herdeira desse modelo do Conto de Fadas tradicional, pois estes alcançaram êxito junto aos leitores, no sentido de serem lidos e relidos, tornando-se clássicos. A história como vimos, inicia com uma situação de carência ou conflito, à qual sobrevém um desenlace providencial. Para resolver o problema, o herói vive uma série de aventuras contando com a ajuda de amigos (seres mágicos ou não), lutando contra obstáculos e situações adversas. O final deve ser feliz, o herói deve ter êxito em sua empreitada e atingir o seu objetivo. De modo que,

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida, se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 2002, p. 6).

Já as Fábulas vêm do Latim *fari* que significa *falar* e do grego *phaó*, que é o mesmo que dizer, contar algo. Coelho (2000, p.165) as define como as narrativas que envolvem uma situação vivenciada por animais, objetos e plantas, à semelhança de uma situação humana (antropomorfismo) e que têm por objetivo transmitir certa moralidade. Ou seja, possuem uma estrutura de narrativa com um contexto inicial, problema, tentativa de solução, resultado final e moral.

Esses elementos que são comuns nos Contos de Fadas e Fábulas, segundo Rodari (1982),

servem também para estabelecer relações com “eu, os outros”, “eu, as coisas”, “as coisas verdadeiras, as coisas inventadas”. Serve para tomar distância do espaço “longe, perto”, e no tempo “uma vez, agora, antes, depois, ontem, hoje, amanhã, há muito tempo atrás (p.123).

A criança absorve da Fábula e do Conto situações de todos os acontecimentos da realidade, pois o “era uma vez” da Fábula é diferente do “era uma vez” do Conto. Quando na história dos Contos e Fábula colocamos a criança como protagonista, satisfazemos o egocentrismo infantil, aliviando-o, como Rodari comenta:

Todas as mães costumam contar a seus filhos histórias de que eles mesmos são os protagonistas. Isto corresponde e satisfaz a seu egocentrismo. Porém as mães dão também um fundo didático. (RODARI, 1982, p. 101).

Como podemos ver, os Contos de Fadas e as Fábulas têm características comuns, mas também finalidades diversas. O pesquisador dos contos maravilhosos Propp (1983), discute a estrutura dos contos através de funções, tendo identificado 37 delas nos diversos textos dos contos, e percebeu que pode ou não existir várias delas dentro do mesmo texto. Ele define “função” como “a ação de uma personagem definida do ponto de vista de seu significado no desenrolar da intriga, isto porque, atos idênticos (sair de casa, ser abandonado, enfrentar os perigos etc.) podem ter significados diferentes e assumir funções diferentes na medida em que os elementos morfológicos da ação, sempre em relação ao contexto do conto, sejam diferentes”. (PROPP, 1983, p.59. *apud*, COSTA, 2006), ou seja, dependendo da função e da esfera situacional onde ela se desenrola a história pode mudar o desenlace. Atualmente as histórias abordam poucas destas funções o que permite evitar determinadas situações problemas.

Bettelheim (2002), afirma que as histórias modernas escritas para crianças pequenas evitam os problemas existenciais, os quais são dilemas fundamentais e subjetivamente complexos, de forma que a criança só veja o lado bom, para assim combater a violência inerente ao ser humano desde pequenos, *tornando para a criança um monstro aos seus próprios olhos*, muito embora ninguém é só bom ou só mal, o que causam muitas vezes um conflito interno maior. O fato das figuras nos Contos de Fadas não serem ambivalentes, ou seja, não são boas e más ao mesmo tempo, como somos no mundo real, favorece a compreensão infantil, pois a polarização (bom e mal) que domina a mente da criança, também domina os Contos de Fadas, fato que corrobora a visão maniqueísta advinda da época dos Irmãos Grimm.

Como se evidencia no levantamento histórico e nas discussões sobre as relações entre Imaginário e Contos de Fadas, a presença do adulto como mediador é um fator que pode direcionar a leitura da criança. É este o debate que fazemos a seguir, quando explanaremos como o professor se situa como mediador na leitura dos Contos de Fadas e Fábulas.

Mediação do professor na leitura de Contos e Fábulas

Após esse breve debate sobre o Imaginário e a origem dos gêneros contos de Fadas e Fábulas na Literatura Infantil, percebe-se que de maneira geral as histórias destes gêneros contribuem com diversos aspectos entre os quais,

- Senso crítico, onde o indivíduo reflete sobre a situação com raciocínio lógico, pois, a história tem início, meio e fim;
- Criatividade, pois permite que o sujeito crie na forma de desenho, de escultura ou na reconstrução da história, etc.
- Favorece transmissão de valores morais e sociais;
- Colabora no desenvolvimento da atenção por algo que traz prazer,
- Identificação com os personagens, etc.

Estudos na área da psicanálise, como o de Bettelheim (2012), afirmam que as leituras dos Contos de Fadas e Fábulas favorecem o desenvolvimento psíquico da criança. Ao ouvi-los, segundo este autor, elas absorvem destas narrativas lições que contribuirão para o seu desenvolvimento, pois transmitem experiências subjetivas complexas, tendo como cerne a aprendizagem da criança até aquele período da vida, de modo que a Fábula e os Contos de Fadas ajudam na formação intelectual do indivíduo, já que os contos: “(...) transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente em qualquer nível que esteja funcionando no momento” (BETTELHEIM, 2012, p. 6).

A literatura (o gênero) e a narrativa (leitura) dos Contos de Fadas e Fábulas nas escolas de Educação Infantil tem sido defendida destacando alguns aspectos (RODARI, 1982) tais como a criatividade, imaginação e fantasia, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, a experiência estética e o estabelecimento de um contato afetivo com a literatura.

Para que isso ocorra, alguns princípios devem ser respeitados. É preciso que a escolha de textos seja adequada à faixa etária, inclusive atentando para as ilustrações como recurso imagético. Considerando a faixa etária das crianças da Educação Infantil, esta é uma situação que envolve a leitura compartilhada com o adulto, já que não se espera delas nesta fase a leitura autônoma. Isto reforça a importância do professor como mediador na escolha dos textos e na condução da

situação de leitura. Para tanto, Rodari (1982) propõe o uso de expedientes para que os educadores como: criar histórias coletivas ou individuais ao narrar para as crianças e sugerir que elas próprias inventem suas histórias.

Estudos na área da Literatura e da Pedagogia, trazem também o elemento da mediação do adulto como fator importante na situação de leitura. De fato, se a família faz o seu papel de construção do indivíduo de forma deficitária, cabe ao professor auxiliar neste processo de desenvolvimento. Esteves (1999, p. 15) assegura que:

A família renunciou às suas responsabilidades no âmbito educativo, passando a exigir que a escola ocupe o vazio que eles não podem preencher. Sendo assim, o que se vê hoje são crianças chegando à escola e desenvolvendo suas atividades escolares sem qualquer apoio familiar.

Em defesa da contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil, argumentamos que:

Os contos de fadas carregam a bateria da autoestima das crianças, tendo grande importância na sua formação (...), ou seja, (...) a sua linguagem metafórica que permite a criança projetar-se em diferentes personagens e situações (FARIAS e RUBIO, 2012 p. 4).

A criança consegue simular a vivência das situações como em um teatro, justamente por identificar-se com os personagens da trama narrada. Para Bettelheim (2012, p.18),

Se a criança não se liga à história, isto significa que os motivos ou temas aí apresentados falharam em despertar uma resposta significativa neste momento da sua vida. Então é melhor contar-lhe um outro conto de fadas.

E nesse momento de leitura, que a criança se identifica com os personagens, o que leva a uma reflexão, pois, a criança exercita a relação causa e efeito, onde todo personagem mal tem um fim ruim e o personagem protagonista que é bom, mesmo passando dificuldade vai triunfar no final. De forma que,

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que

(o conto de fadas) exerce sobre o receptor. (AMARILHA, 1997, p. 18).

Segundo Farias e Rubio (2012 p. 4), a narrativa também exercita a memória, pois as maldades dos personagens serão lembradas ao fim da história quando a mesma for punida, e a criança por estar interessada no enredo contado pelo adulto, gravará certos detalhes e elementos que a atraíram, o que pode ocasionar que a história seja repetida várias vezes, pois assim poderá desfrutar novamente. As histórias são excelentes meios de transmissão de valores como no caso das Fábulas e Contos, pois dão contexto a fatos abstratos difíceis de serem transmitidos isoladamente. Contudo, Bettelheim (2012, p.18), nos diz que,

(...) não podemos saber em que idade um conto específico será mais importante para uma criança específica, não podemos decidir qual dos vários contos ela deveria escutar num dado período ou por quê. Isto só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente àquilo que um conto evoca na sua mente consciente e inconsciente.

Para Farias e Rubio, (2012) “Os Contos de Fadas pertencem ao mundo dos arquétipos, são místicos, simbólicos, respondem ao universo da criança e sendo, assim torna-se possível perceber que não nos dão outro poder, senão de assumir o real através da cultura do imaginário”. (p. 5). Ou seja, em um mundo tecnológico de hoje, onde somos bombardeados de informações, “(...) a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, poderá no futuro, ser um indivíduo sem criticidade, pouco criativo, sem sensibilidade para compreender sua própria realidade (Idem, 2012, p. 7).

O que nos faz retornar a Rodari (1982) quando propõe o uso de expedientes para os educadores como: criar histórias coletivas ou individuais ao narrar para as crianças e sugerir que elas próprias inventem suas histórias, e sugerimos o uso de dinâmicas que instiguem a leitura dos contos de fadas e fábulas, realização de peças de teatro, dança, textos coletivos, para levar à reflexão por parte das crianças, podendo auxiliar nesse processo de apropriação do Imaginário.

METODOLOGIA DE PESQUISA.

Foi realizado um estudo de natureza qualitativa, com realização de estudo de campo que teve como procedimento a realização de entrevistas semiestruturadas com professores da Educação Infantil.

Realizaram-se seis entrevistas com professoras da rede municipal, em três diferentes unidades de ensino, localizadas em três escolas da Região Metropolitana do Recife (Olinda, Recife e Jaboatão). Essas escolas foram escolhidas por terem em seu quadro, docentes que utilizavam os Contos de Fadas e Fábulas em suas aulas de forma diversificada, pois desejávamos saber que olhar esses professores possuíam do Imaginário Infantil e sua relação com os Contos de Fadas e Fábulas.

Quanto à designação das escolas, denominaremos de Escola de Princesas, Escola de Fadinhas e Escola de Príncipes.

A Escola de Princesas é uma escola de grande porte, possui uma sala de leitura, não possui biblioteca e em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) possui projetos de leitura, em que estão situadas as práticas da contação de histórias.

Já a Escola de Fadinhas é de médio porte, possui biblioteca e entra no PPP que na orientação da rotina, ocorra regularmente a contação de histórias e uma programação de leituras regulares.

Por fim, a Escola de Príncipes é de pequeno porte, funciona num anexo dentro de uma escola do ensino fundamental I e II, e abrange exclusivamente turmas de Educação Infantil nos anos finais, passou da categoria de anexo para escola a um ano e encontra-se em ampliação. Esta unidade ainda não possui biblioteca, mas faz parte da vivência escolar a realização de projetos de leitura e no documento orientador da prática pedagógica, a contação de histórias consta como atividade central e regular.

Para assegurar a confidencialidade das professoras que foram entrevistadas, chamaremos pelos nomes de Fadas, como aparece no Quadro 1, a seguir com as características das participantes.

Quadro 1: Dados gerais das participantes da pesquisa

Nome:	Idade:	Tempo de profissão:	Experiência na Educação Infantil:	Formação Acadêmica:	Estudos sobre Literatura Infantil:
Flora	38 anos.	9 anos.	5 anos.	Formação em Pedagogia, especialização em	As capacitações que fez são formações oferecidas pela própria rede

				Psicologia.	municipal.
Fauna	38 anos.	15 anos.	13 anos.	Formação em Pedagogia, especialização em Educação Infantil.	Capacitação em Contação de História e Leitura.
Primavera	39 anos.	15 anos.	14 anos.	Graduação superior está concluindo a Pós em Alfabetização e Letramento.	Formações oferecidas pela própria rede municipal.
Sininho	41 anos.	12 anos.	12 anos.	Magistério e está cursando Graduação superior de Pedagogia.	Formações oferecidas pela própria rede municipal.
Rosetta	46 anos.	20 anos.	7 anos.	Graduada em Pedagogia e Pós em Psicopedagogia.	Fez capacitação formativa externa em Contação de História em 2015.
Vidia	53 anos.	29 anos.	20 anos.	Formada em Magistério há 37 anos e graduada há 29 anos.	Fez capacitação na escola pela UFPE em 2014. E em curso externo, há 9 anos.

Fonte: As autoras. (2016).

Como vimos pelo quadro, algumas professoras apresentam mais de uma década de atuação e ao longo deste tempo fizeram Pós-Graduação, ou de alguma forma buscaram uma melhor capacitação na área de Literatura Infantil e Psicologia. Também observamos que as redes municipais fazem capacitações eventuais com estes profissionais, enfocando esses gêneros literários.

As professoras entrevistadas atuam todas nos últimos anos em Educação Infantil, todas possuem formação de Magistério e/ou Graduação em Pedagogia e algumas possuem pós-graduação em áreas diversificadas como a Psicopedagogia, Alfabetização e Letramento, Educação Infantil. Quanto à experiência, o grupo entrevistado é bastante heterogêneo já que têm faixa etária entre 38 e 53 anos de idade, e têm entre 9 a 37 anos de atuação na área de Educação Infantil.

Resultados e Discussões

Para a análise dos dados coletados nas entrevistas seguimos, como sugerem Moroz e Gianfaldoni (2006), algumas etapas na realização deste estudo. Houve inicialmente um contato com as escolas e em seguida a coleta de dados fornecidos pelas entrevistas das seis professoras voluntárias desta pesquisa. O registro das entrevistas foi realizado em áudio e com bloco de anotações de campo. Tais dados foram transcritos do material gravado em áudio e em leituras sucessivas identificamos categorias nas quais os dados foram agrupados.

Tais categorias foram reordenadas a partir de indicadores que foram associados às reflexões de natureza teórica, buscando apoio em autores como Bettelheim, Rodari, Farias e Rubio entre outros, no respaldo teórico das análises.

Como resultado desse processo, chegamos a cinco dimensões que orientam esta análise: 1-- A professora leitora. 2-- O que lê para crianças? 3-- Como lê? 4-- Para que lê? 5-- Como percebe impactos nas crianças da leitura dos contos?

Esses cinco agrupamentos serão abordados a seguir.

A professora leitora

As seis professoras entrevistadas se veem como leitoras reflexivas, que buscam o enriquecimento pessoal, intelectual. Algumas leem para indicar livros que gostaram, mas em sua maioria gostam de ler livros por deleite tais como romance, revistas, livros científicos, livros de humanidades, etc. Como comenta a professora Flora,

Só leio coisas para me enriquecer, hoje sou chata para escolher o que ler, por exemplo, gosto de livros infantis com muitas imagens e pouco texto. Mas para leitura pessoal gosto de livros que posso indicar.

Como podemos ver, as professoras possuem gostos diversificados e gostam muito da leitura por deleite, pois as histórias são excelentes meios de transmissão de valores como no caso das Fábulas e Contos, e quando indicam determinado livro este tem um valor afetivo e social para quem recebe esta indicação, em vista que as histórias dão contexto a fatos abstratos difíceis de serem transmitidos isoladamente ao indivíduo.

O que lê para as crianças?

Todas indicaram que lêem Contos de Fadas, Fábulas e Lendas. Como recurso, dispõem de coleções impressas em que se destacam as ilustrações em alto relevo e livros em 3D. Utilizam histórias em que as princesas e lobos são predominantes. Ex: Os Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, Cinderela, lendas do Saci. Algumas fazem esta escolha pela maior acessibilidade dos contos, outras por perceberem que as crianças pedem histórias de aventuras, pensam no desligamento de casa, os perigos para vir à escola, a moral “não falar com estranhos” etc.

Ao justificarem suas escolhas, defendem a existência de “lições morais”:

Uso as fábulas e os contos não só pela moral, a ética, o sentimento, essa coisa abstrata que fica inferente e que é muito importante. (Professora Rosetta).

Como lê?

Conforme os dados coletados as professoras trabalham com livros em: rodas de leitura; dramatização do texto; utilizando recursos como fantoches, cartões com imagens; e fazendo a reconstituição oral da história.

Como conta a professora Flora:

Os alunos levam os livros para casa para os próprios pais possam ler para eles; há alunos que se juntam em duplas e trios para contar histórias na sala, imitando a mim, quando leio para eles ao mostrar para eles as figuras do livro que escolheram.

Confirmando ao que RODARI (1982), sugere como o uso diversificado de expedientes para que os educadores consigam criar histórias para contar as crianças ou sugiram as próprias crianças para que elas mesmas inventem suas histórias. É o caso dessas entrevistadas que adotam o método “rodariano”, de modo inconsciente, ao buscar no reconto das histórias feitas pelos alunos, para desenvolver o Imaginário e a vontade de ler por deleite.

Percebe-se a existência de categorias de leitura:

- Deleite (pessoal);

- Pretexto (projeto da escola ou temas, suporte de interconexão entre temas e conteúdos de disciplinas, arte para despertar o fascínio e o encantamento do ato de ler, formação de identidade social, moral e cultural). Conforme vemos e nas falas:

Escolho os Contos de Fadas e Fábulas para leitura deleite de acordo com algum tema ou projeto que a escola tenha (Professora Fauna)

Escolho os contos pensando em busca sair do seu eu para o outro, buscando uma identidade social e cultural deles. Também vai da necessidade sobre o que vai me responder na semana, por exemplo: natureza, hábitos saudáveis etc. (Professora Flora).

Tal posição coincide com o que RODARI (1982) afirma:

Servem também para estabelecer relações com “eu, os outros”, “eu, as coisas”, “as coisas verdadeiras, as coisas inventadas”. Serve para tomar distância do espaço “longe, perto”, e no tempo “uma vez, agora, antes, depois, ontem, hoje, amanhã, há muito tempo atrás” (p.123).

Para que lê?

As quatro principais razões dadas pelas professoras “para que ler”, foram: a relação de interdisciplinaridade, o desenvolvimento do imaginário, a reflexão e o estímulo à leitura como podemos ver nas falas abaixo:

Acho legal, válido, relacionado com a realidade, juntando com os conteúdos, por exemplo, a história dos três porquinhos e os números na matemática. Escolho os livros que posso fazer uma interconexão entre os temas e os conteúdos das disciplinas. (Professora Primavera). (Exemplo de interdisciplinaridade)

É interessante com relação à interdisciplinaridade onde podemos usar com uma ferramenta de socialização, mas com cuidado para não quebrar o encanto ao puxar a reflexão dos alunos. (Professora Flora). (Exemplo de interdisciplinaridade e reflexão).

Escolhemos os contos e fábulas não só pela leitura em si, mas para dar suporte, para despertar a leitura, as crianças pegam os livros e recontam para os coleguinhas, o objetivo principal é despertar o encantamento no ato de ler. (Professora Rosetta). (Exemplo de estímulo a leitura).

Todas as professoras concordaram que as histórias desenvolvem o imaginário.

“Eu acredito que as histórias desenvolvem o imaginário, por exemplo, Peter Pan não cresce isso faz você entrar naquele mundo de ser criança para sempre.” Comentou a professora Fauna.

“Com certeza, ela desenvolve o imaginário, a criança conta muita coisa, como eles se vestem e como eles se reproduzem, tal qual a vivência deles em casa e na escola” acrescenta a professora Rosetta.

Tais falas corroboram com autores da Pedagogia e da Psicologia, pois:

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que (o conto de fadas) exerce sobre o receptor. (AMARILHA, 1997, p. 18).

Como percebe impactos nas crianças da leitura de contos?

Cinco professoras expuseram a existência de mudança comportamental dos alunos durante a contação de história, tal como o aumento da concentração, a identificação das crianças com os personagens.

Observo que eles ficam parados durante a história, eles mesmos começam a comentar a história, muitas vezes se colocam no lugar dos personagens, relatou a professora Sininho.

Uma das professoras trouxe um ponto discordante, que nos chamou atenção:

Quanto a mudança de comportamento, depende da criança por exemplo, contei a história de Pinóquio, mas uma criança que tinha por hábito de mentir não mudou de comportamento, continuou mentindo, comenta a professora Primavera.

Bettelheim (2012, pág.18), nos diz que,

(...) não podemos saber em que idade um conto específico será mais importante para uma criança específica, não podemos decidir qual dos vários contos ela deveria escutar num dado período ou por quê. Isto só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente àquilo que um conto evoca na sua mente consciente e inconsciente.

De fato, se não houve uma mudança comportamental da criança significa que esta resposta não aconteceu na sua mente e, portanto, outro conto possivelmente poderá ter o efeito desejado.

Algumas conclusões deste estudo:

Percebemos que as professoras inserem a leitura de Contos de Fadas e de Fábulas em seu cotidiano e em seus relatos comentaram sobre as contações em roda, a dramatização, a reconstituição da narrativa, os trabalhos artísticos, etc..

Ao construir o mapeamento das justificativas das professoras para as escolhas de textos a serem lidos em sala de aula, obtivemos como respostas: a leitura deleite, a leitura inserida no tema ou projeto da escola, a leitura como pretexto na interconexão entre temas e conteúdos de disciplinas, leitura e arte para despertar o fascínio e o encantamento do ato de ler e leitura como formação de identidade social, moral e cultural.

Pudemos identificar como as professoras compreendem os efeitos da leitura literária, dos Contos de Fadas e Fábulas, no desenvolvimento do Imaginário Infantil, já que elas relataram que, após cada contação existe uma “onda impactante da história”. Isso pode ser observado ao relatarem suas colocações hipotéticas, mudanças de comportamento, fazer correção ao coleguinha, haver concentração e identificação com os personagens.

Consideramos como desdobramento desta pesquisa a possibilidade de dar continuidade ao estudo enfocando os cursos realizados para a formação continuada e de que forma eles influenciam na prática docente no trato com a Literatura Infantil, e em particular com os Contos de Fadas e Fábulas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera T. de. ***Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas***. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- AMARILHA, Marly. ***Estão mortas as fadas? – literatura infantil e prática pedagógica***. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BABO, Carolina Chamizo Henrique. ***A magia dos contos de fada e sua apropriação pela mídia***. 9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. 2014. Disponível em < <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Carolina-Chamizo-Henrique-Babo.pdf> > acesso em 20/06/16.
- BARBOSA, Kelly Vanessa. ***Os Contos de Fadas e o Imaginário Infantil***. Monografia. Maringá, 2011.

BECKER, Celia Doris. **História da literatura infantil brasileira**. In: SARAIVA, Juracy Assmann (org.). **Literatura e Alfabetização, do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre, 2001. p.35-41.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16a Edição - Paz e Terra – 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

COSTA, Patrícia de Fátima Abreu Costa. **Os Contos de Fadas: de narrativas Populares a Instrumentos de intervenção**. 2006.73p. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações – MG.

Disponível em <

http://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/dissertacoes/patricia_abreu.pdf> Acesso em 19/06/2016.

DINORAH, Maria. **O livro Infantil e a Formação do leitor**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ESTEVES, Jose M. **A terceira revolução educacional: a educação na sociedade do conhecimento**. São Paulo: Moderna, 2004. Leia mais em: < <http://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-da-familia-na-escola-para-a-construcao-do-conhecimento/99641/#ixzz3uhoMyGbq> > Acesso em (18/12/2015).

FARIAS, Francly Renna Aguiar de & RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 – 2012.

GARCIA, Berenice Rocha Zabbot & MARELENQUELEM, Miguel. **O conto de fadas e o imaginário infantil**. s/a.

MANACORDA, Mario Alighiero – **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13 ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

MOROZ, Melanie; GIANFALDONI, Monica Helena T. A. **O processo de pesquisa: Iniciação**. Livro publicado pela Líber Livro Editora, 2ª edição, 2006 - Brasília – 124 p. – (Série Pesquisa, v. 2).

OLIVEIRA, Marcella Pereira de. Marcella Pereira de Oliveira. **Melanie Klein e as fantasias inconscientes**. Winnicott E-prints Série 2, vol. 2, nº 2, São Paulo, 2007 p. 81-98. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v2n2/v2n2a05.pdf> > acessado em 20/06/16.

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **TCC: Métodos e Técnicas**, 2ª ed. Ver. Atual.- Florianópolis: Visual Books, 2011.

PEREZ, Luana Castro Alves. "**História dos contos de fadas**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>>. Acesso em 19 de junho de 2016.

PILGER, Caroline Roveda; SCHMIDT, Saraí. **Representação, Imaginário e Mídia: algumas histórias sobre a família na publicidade de telefonia móvel**. 10º Encontro Nacional de História da Mídia- Alcar, UFRGS, 2015. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historiografia-da-midia/representacao-imaginario-e-midia-algumas-historias-sobre-a-familia-na-publicidade-de-telefonia-movel/at_download/file> acessado em 20/06/16.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. Barcelona, Editorial Argos Vergara, S. A. - 1982.

SANDE, Elias Ricardo. **Processos Cognitivos: Imaginação E Pensamento, Introdução À Psicologia**. Moçambique, 2011. Disponível em: <<http://eliassantaylor85.blogspot.com.br/2011/04/processos-cognitivos-imaginacao-e.html>> acesso em 20/06/16.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. "**Imaginário**". In: **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 213-218.